



FABRÍCIO FERNANDINO, *DESENVOLVIMENTO*, 2011, ESCOLA DE ENGENHARIA UFMG.

Sobre o artista e suas imagens

Fabício Fernandino é o convidado especial deste número 28-1 da *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, cujo tema é A Universidade e os Novos Tempos, apresentando o ensaio textual e visual sobre sua obra intitulado “Espaços topológicos. Poética da forma”, onde ele discorre sobre sua carreira artística, e focaliza a série que começou a desenvolver em 2005, *Cúbicos*. A série está tendo continuidade através de pintura, desenhos e esculturas, nas quais ele parte do reaproveitamento de madeira descartada reciclada, em peças que envolvem também metal, pedra e vidro, em um trabalho de fatura sensível e elaborada, contribuindo assim para mais esse número da *Revista*. Escultor e professor de Escultura da Escola de Belas Artes da UFMG, desde 1992, Fernandino possui Mestrado e Doutorado em Artes Visuais. Atua intensamente nas áreas artística, acadêmica e de extensão, na UFMG, bem como em atividades ligadas ao ensino, à pesquisa e orientações. Coordena inúmeros projetos nacionais e internacionais, tendo participado de representações dentro e fora da universidade. Como artista, tem atuado e desenvolvido trabalhos com ênfase principalmente nos seguintes temas: arte ambiental, escultura, videoinstalação, fotografia, curadorias, ação cultural e residências artísticas. Foi Coordenador Geral (2000 a 2011) e Curador do Festival de Inverno da UFMG (2019 a 2021). Diretor de Ação Cultural da UFMG, na gestão 2002/2006. Diretor do MHNJB-UFMG, de 2006 a 2011. Atualmente é Diretor do Centro Cultural UFMG, na gestão 2018/2022

ESPAÇOS TOPOLÓGICOS

POÉTICA DA FORMA



Poliedro -2021

FABRÍCIO FERNANDINO

Memória

Recorrendo à memória dos primeiros momentos em que o interesse pela arte aflorou em meu estado de ser, chego a minha infância. Tempos de curiosidades intensas por descobrir a vida no entorno da minha existência. Essa curiosidade me impeliu a arquitetar sonhos, a me perder em devaneios poéticos que foram amalgamando em meu espírito juvenil o sentimento da arte. Esse foi um tempo em que as letras ainda eram um mistério, mas já me encantavam pela mancha gráfica e as possibilidades ali depositadas. Já as imagens, estas me conduziam a outro mundo e, quando associadas à música, eu construía, em pensamentos, sonhos e me perdia naquelas tardes mornas e quietas.

Lembro que uma das imagens mais marcante, nítida na memória, foi a gravura em metal “Melancolia I”, criada pelo magnífico artista alemão renascentista Albrecht Dürer, em 1514. Esta que é considerada uma de suas três grandes gravuras ao lado de “O Cavaleiro, a Morte e o Diabo (1513)” e “São Jerónimo no seu Gabinete (1514)”. Naquelas gravuras a riqueza dos detalhes, a profusão das imagens e as narrativas nelas inseridas me conduziam a outro tempo, um tempo imaginado que existia somente dentro de mim. Recordo do sentimento, de uma felicidade extrema nessa fruição, e de me abandonar por horas quando a tarde ganhava o dia.





felizes. Entretanto, o que mais me chamava atenção, pelos mistérios silenciosos inseridos naquela imagem, eram as duas formas geométricas ali representadas. A perfeição da esfera, em sua superfície sem principio nem fim, e o rigor construtivo do poliedro irregular com seus limites, suas faces, arestas e vértices perfeitamente delimitados. Estava ali inserida a síntese do universo.

Creio, com certa convicção, que naqueles meus momentos de devaneios e sentimentos, desencadeados através da minha retina, estava sendo gestado o escultor que sou hoje.

Em especial, a gravura a “Melancholia I” me instigava recorrentemente, eu me sentia transfigurado naquele ser alado perdido em seus pensamentos.

Via e revia aquela gravura, absorvendo cada detalhe, cada figura, cada objeto e neles construía sonhos.

A riqueza das formas, em seus mínimos detalhes construtivos, unia certa magia à realidade. As ferramentas, já familiares, despertavam em mim grande interesse, eram os instrumentos do artífice e estavam ali, disponíveis para quem as quisesse manuseá-las e transformar o mundo. Ferramentas para mãos felizes a serviços de forças



Poliedros platônicos

Volume e matéria

Antes de ingressar na academia, no exercício de um aprendizado autônomo das artes, das práticas do desenho, da pintura e, na construção de objetos artísticos, as formas geométricas sempre eram recorrentes em meio às composições figurativas, quiçá uma influência inconsciente daquelas referências de minha infância.

Já na Escola de Belas Artes, o aprendizado consciente me forneceu subsídios para reforçar meus conceitos em minha zona de interesse, voltados para minhas práticas artísticas.

Os volumes, a geometria, a organicidade e a matéria esforçavam-se por se conciliarem, em uma composição possível e expressiva. Interessava-me evidenciar essa materialidade orgânica em uma rigidez formal quase matemática.

Um pouco mais amadurecido nos processos criativos da escultura, iniciei naquela época uma série que denominei “Geometria Orgânica”. Este foi um exercício para conciliar elementos quase intangíveis: unir a organicidade matéria ao rigor de uma forma geométrica. Elementos difíceis de conjugar.



Geometria Orgânica - 1988



Esfero Plano – 1986

A pesquisa aplicada

Ao buscar por um melhor entendimento de meus processos criativos, direcionei minha investigação teórica conceitual associada à prática para a uma produção seriada. Essa disciplina de trabalho criou a oportunidade e possibilitou explorar ao máximo determinados conceitos aliados a um material específico. O fazer manual, o exercício do conhecimento técnico e o desenvolvimento das habilidades manuais sempre foram prioridades. Existe um sentimento de grande satisfação ao criar e realizar.

O domínio da forma pretendida, aliada à busca de soluções que materializassem o projetado, sempre foi um desafio. Já os conhecimentos técnicos e científicos adquiridos, o desenho técnico, a mecânica, as matemáticas e tantas ciências sempre foram aliados poderosos. Ferramentas conceituais e tecnológicas para criar e fazer arte.



Geometria Orgânica
– Ostra – 1988



Desenvolvimento – Escola de Engenharia UFGM - 2011

A mecânica

Por essas facilidades adquiridas a partir da minha formação, trabalhar com o metal assume um caráter de destacada importância. Trabalhei e trabalho de forma recorrente com os metais. É uma afinidade, quase uma alquimia, em que os processos de experimentação e transformação são preponderantes. Cortar, dobrar, soldar, fundir são processos intensos, nos quais são sempre exigidos a concentração e o esforço. Dessa forma, estabelece-se uma relação direta entre a ação física e a obra.

Em se tratando de obras monumentais, as opções de execução têm sido fazer o projeto artístico e mecânico dessas obras, sendo que o processo construtivo fica a cargo de uma indústria metalúrgica.

Poéticas das coisas naturais

A partir da década de 90, passo a me interessar pelas poéticas ligadas à natureza e direciono meu trabalho para atividades artísticas ligadas à videoarte, à fotografia, às instalações ambientais e às residências artísticas.



Trilíto – Escola de Belas Artes – UFMG- 1998

É importante notar que sempre a escultura permeou todos esses processos criativos. As experiências com arte ambiental abriram caminho para a busca de novas materialidades, como a riqueza plástica das rochas, em que as formas geométricas serviam de referências para os volumes a serem criados

Espaços topológicos

O círculo, a esfera, o quadrado, o cubo, por suas amplas possibilidades plásticas e conceituais, passam a ser uma síntese formal na busca por uma maior simplicidade e potência expressiva. Associados a conceitos simbólicos desses elementos e aos fundamentos básicos da topologia, uma disciplina da Matemática, arquiteto e fortaleço o



Intervenção- Escola de Veterinária – UFMG – 2002



Torre

seu significado. Associação que, para o artista, confere sentido e mostra uma característica pessoal de sua obra. Entretanto, a obra é autônoma, segue seu caminho sem impor esses significados pré-estabelecidos. Ela é como um rio, como ouvi do escultor e professor Amílcar de Castro, quando fui seu aluno: “a escultura é como um rio, ela segue. Quanto mais simples melhor, quase sempre o mais difícil de ser feito”.



Ouroboros-1998



Corte plano-2005



Nautilus - 2007

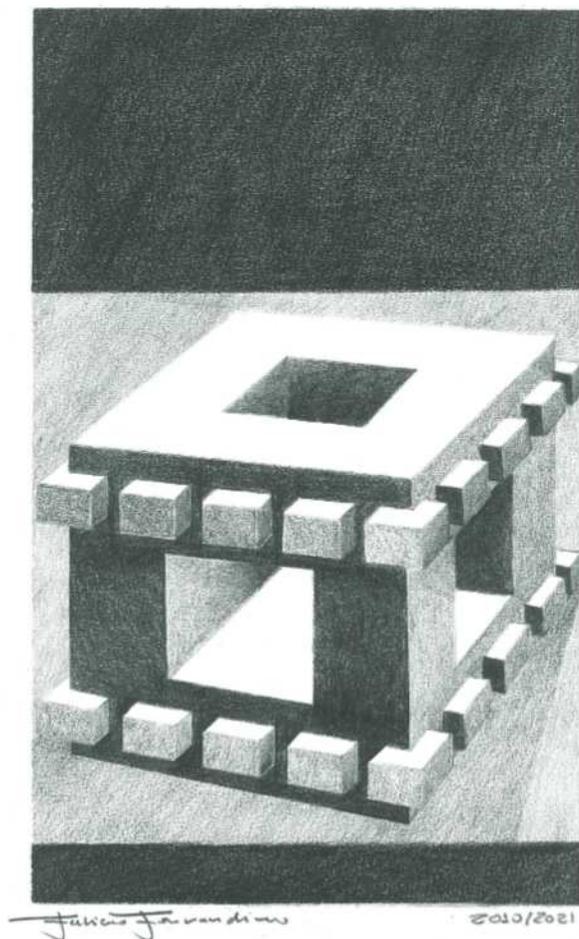
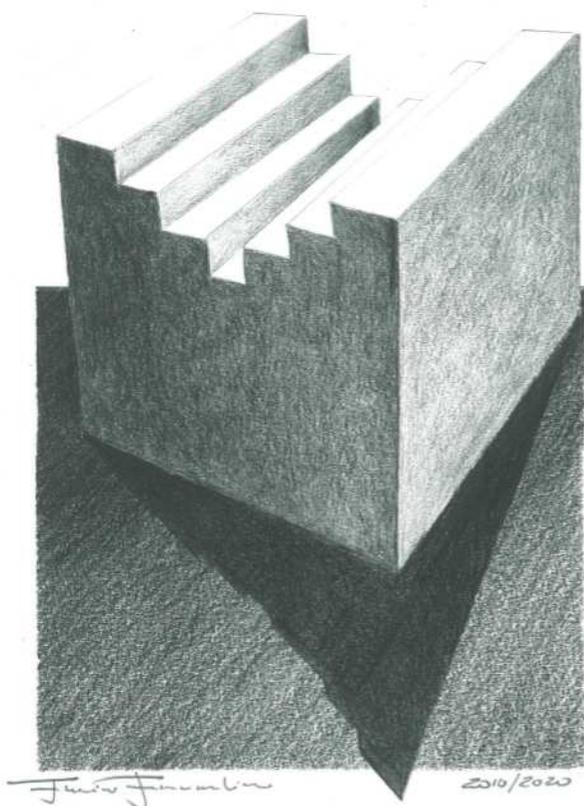
Matéria orgânica

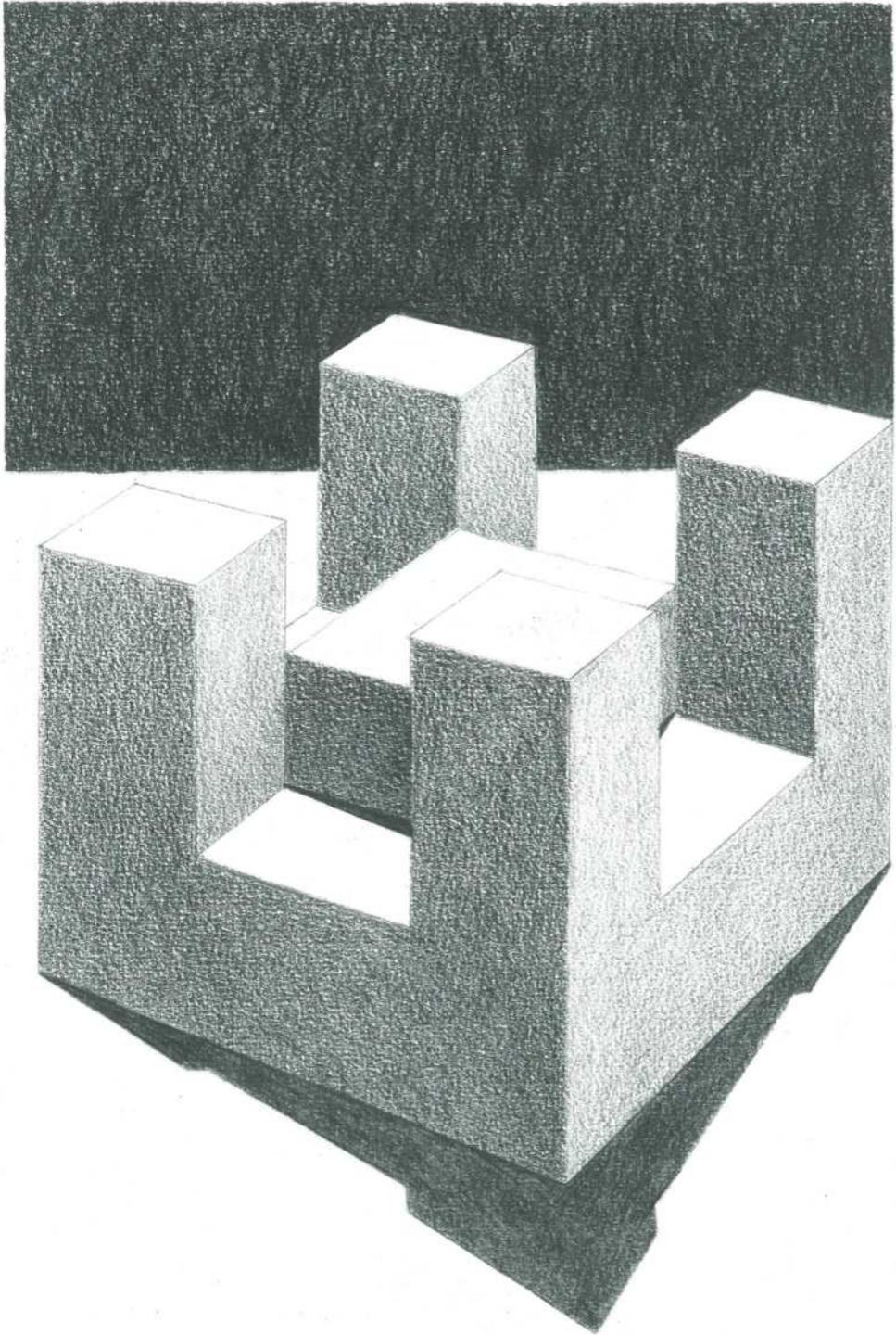
O metal e a rocha sempre tiveram uma presença marcante em minha obra escultórica. Entretanto, apesar de haver umas poucas experimentações plásticas utilizando a madeira trabalhada, eu aguardei para exercitar essa prática artística em um momento especial de meu processo criativo.

Com início das atividades ligadas à Arte Ambiental, foi crescente a utilização da imagem e do reaproveitamento da madeira como possibilidade expressiva. Meu processo criativo assumiu um caráter de denúncia em defesa da vida, surgindo o interesse pelos materiais disponibilizados pela natureza aviltada. Nesse momento faz-se presente uma nítida influência e compartilhamento de ideias com o artista e ambientalista Frans Krajcberg, grande amigo, com quem convivi por muitos anos.

Surge um sentimento pessoal de que, ao usar uma madeira preparada especificamente para uma escultura, isso configuraria um contrassenso, à medida que faço uma apologia em defesa da vida. Por outro lado, a madeira requer muito mais que habilidades técnicas para ser trabalhada. É um material que ainda está em processo de transformação, foi um ser vivo e ainda abriga a vida em seu interior, numa escala microscópica. Cada qualidade de madeira responde de uma forma diferenciada ao trabalho realizado: suas fibras, seus veios, sua textura e cor devem ser respeitadas e valorizadas. Cada madeira é um universo. Trabalhar a madeira exige mais que habilidades técnicas, exige afeto.

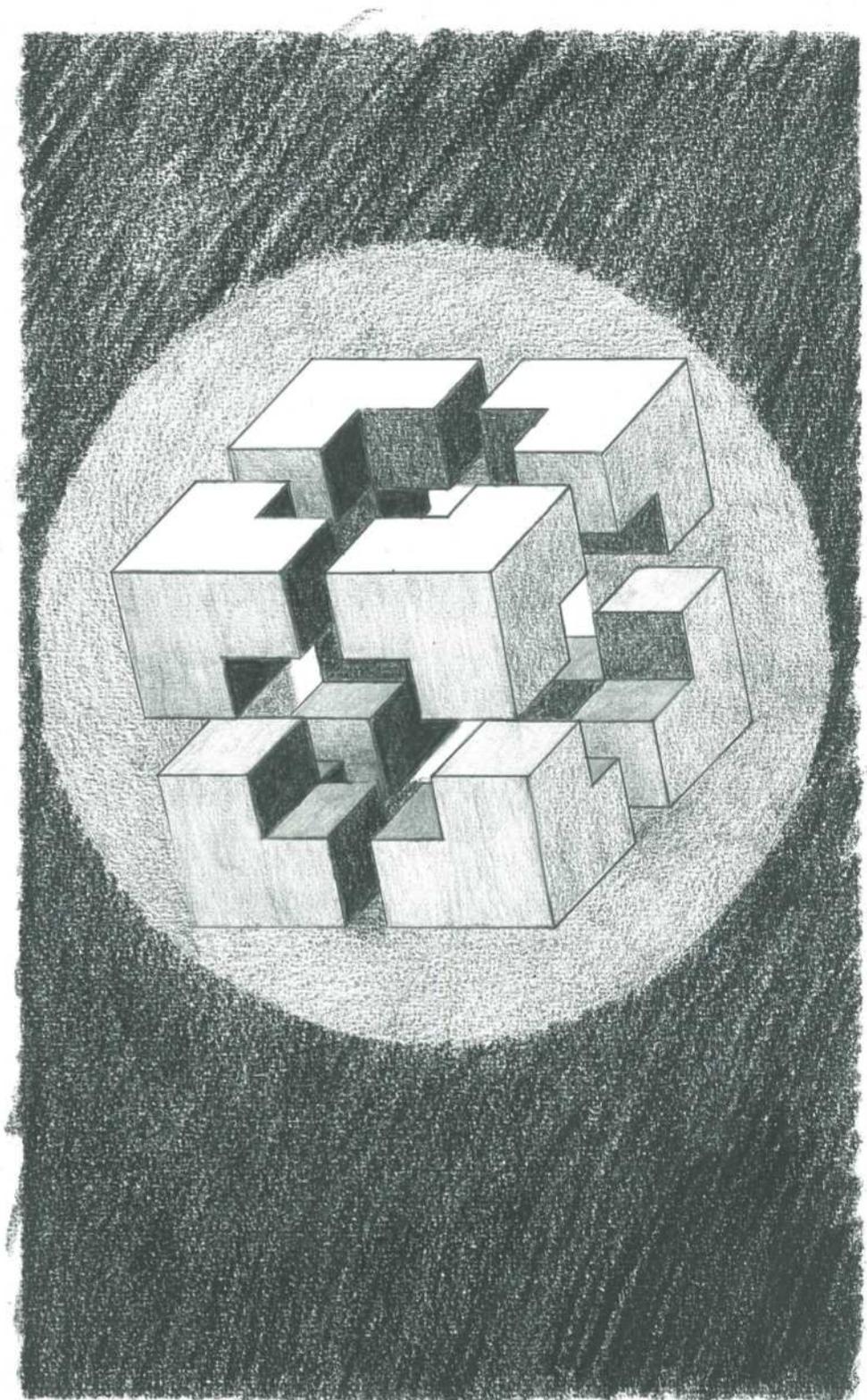
A partir de 2005, iniciei alguns projetos específicos pra madeira que só foram sair do papel e se tornaram esculturas a partir de 2010 e mais intensamente nos últimos dois anos, 2020 e 2021, quando me isolei e obtive o silêncio e o distanciamento necessário para me envolver com esse magnifico material.





Javier Ferraron

2010/2020



Jawad Jannah

2011/2020

A solução foi trabalhar com madeira reciclada, colada e montada, reaproveitamentos de restos de obras civis, de materiais de demolição, refugos de madeireiras. O que era descartável assume uma beleza inesperada e nos apresenta como resultado final a elegância e a dignidade características desse material.

Cúbicos

Cúbicos -- esta é uma série que inicio em 2005, com inúmeros esboços e anotações nos meus cadernos de registros. Existiu um forte e crescente desejo de, naquele momento, trabalhar a madeira. Os problemas a serem equacionados seriam relativos à redução dos volumes, uma vez que minha obra estava assumindo, cada vez mais, características monumentais. Também havia a necessidade de buscar soluções técnicas para reaproveitamento de madeiras descartadas e desenvolver tecnologias para esse processo criativo. Cada projeto exigia uma engenharia diferenciada, dispositivos para colagens, adesivos específicos, máquinas operatrizes precisas e acabamentos, conforme a qualidade da madeira e o respeito à delicadeza do material.

A partir dos esboços e croquis iniciais, passei a desenhar artisticamente o que seria a futura escultura. Nesses trabalhos, o primeiro objetivo foi o exercício do desenho artístico na técnica do grafite. Num segundo momento, desenhar com esse rigor técnico foi uma motivação e o fomento ao desejo de reunir condições para realizar essa série escultórica. Uma série mais intimista, afeita ao carinho do tato e ao sentimento do olhar. As formas, sempre geométricas, têm como ponto de partida o quadrado que forma, ao criar o volume, dezenas de possibilidades cúbicas, com algumas inserções circulares ou esféricas.

Com um sentimento de alegria, com as crescentes e infindáveis possibilidades, a obra persevera. Ela está em franco processo do fazer. Segue... É como um rio, vai cada vez mais profundo.



Cubica – 2007





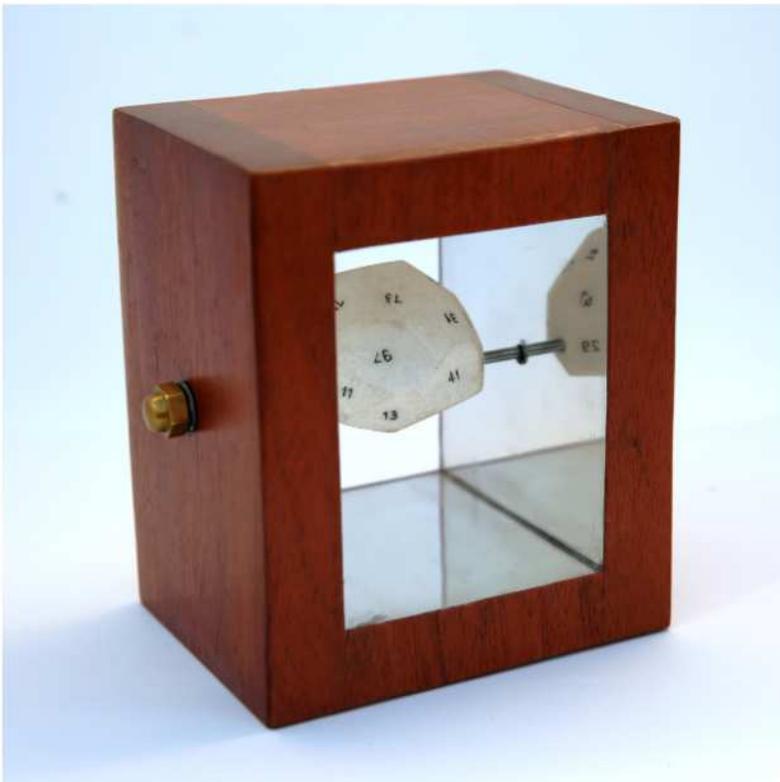
Quatro ao quadrado- 2004



Pitagórico – 2020



Mira- 2020



Pitagórico- 2020



Lamina - 2020



Gral-2020



Kairós -2020



Tempo reverso- 2020



Pirâmide -2021



Espaço interior- 2021



Coluna para sustentar o ar-2021



Escada para um lugar que não existe-2021





Interações cúbicas I - 2021



Interações cúbicas II - 2021